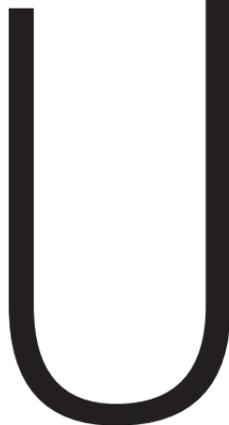


COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin
Davi Arrigucci Jr.
Eucanaã Ferraz
Samuel Titan Jr.



carlos
drummond
de
andrade

COMPANHIA DAS LETRAS

OSÉ

Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
warrakloureiro
ESTABELECIMENTO DE TEXTO
Antonio Carlos Secchin
PREPARAÇÃO
Léo Rubens
REVISÃO
Huendel Viana
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.
José / Carlos Drummond de Andrade; posfácio Júlio Castañon
Guimarães. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2120-5

1. Poesia brasileira I. Guimarães, Júlio Castañon. II. Título

12-05867

CDD-869-91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

sumário

A BRUXA	9
O BOI	13
PALAVRAS NO MAR	15
EDIFÍCIO ESPLENDOR	17
O LUTADOR	23
TRISTEZA NO CÉU	27
RUA DO OLHAR	29
OS ROSTOS IMÓVEIS	33
JOSÉ	37
NOTURNO OPRIMIDO	41
A MÃO SUJA	43
VIAGEM NA FAMÍLIA	47

posfácio 51

JOSÉ E ALGUMAS DE SUAS HISTÓRIAS

júlio castañon guimarães

cronologia 81

a bruxa

A EMIL FARHAT

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,
que leem verso de Horácio
mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
e a essa hora tardia
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.
Precisava de mulher
que entrasse neste minuto,
recebesse este carinho,
salvasse do aniquilamento
um minuto e um carinho loucos
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,
quantas mulheres prováveis
interrogam-se no espelho
medindo o tempo perdido
até que venha a manhã
trazer leite, jornal e calma.
Porém a essa hora vazia
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!
Tenho tanta palavra meiga,
conheço vozes de bichos,
sei os beijos mais violentos,
viajei, briguei, aprendi.
Estou cercado de olhos,
de mãos, afetos, procuras.
Mas se tento comunicar-me,
o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!
Essa presença agitada
querendo romper a noite
não é simplesmente a bruxa.
É antes a confiança
exalando-se de um homem.

o boi

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não têm sentido algum.

Ó solidão do boi no campo!
O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

palavras no mar

Escrita nas ondas
a palavra Encanto
balança os naufragos,
embala os suicidas.
Lá dentro, os navios
são algas e pedras
em total olvido.
Há também tesouros
que se derramaram
e cartas de amor
circulando frias
por entre medusas.
Verdes solidões,
merencórios prantos,
queixumes de outrora,
tudo passa rápido
e os peixes devoram
e a memória apaga
e somente um palor
de lua embruxada
fica pervagando
no mar condenado.
O último hipocampo
deixa-se prender
num receptáculo
de coral e lágrimas

— do Oceano Atlântico
ou de tua boca,
triste por acaso,
por demais amarga.

A palavra Encanto
recolhe-se ao livro,
entre mil palavras
inertes à espera.